Rede São Paulo de

Formação Docente

Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP
Ensino Fundamental II e Ensino Médio

São Paulo
2011

UNESP – Universidade Estadual Paulista
Pró-Reitoria de Pós-Graduação
Rua Quirino de Andrade, 215
CEP 01049-010 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5627-0561
www.unesp.br

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Estado da Educação
Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
Gabinete da Coordenadora
Praça da República, 53
CEP 01045-903 – Centro – São Paulo – SP

Relações estratégicas internacionais e a estruturação da ordem mundial

http://www.lightsbock.com.br/oip/tutoriais/earth/Earth_estudo.jpg

Sumário

Vídeo da Semana 3

Relações estratégicas internacionais e a estruturação da ordem mundial..... 3

Um início de conversa 3

2.1. A geopolítica no mundo entre guerras 5

Efeitos posteriores de Heartland 7

2.2. Hegemonia americana e repartição do poder mundial..... 8

Referências 12

Bibliografia 12

Ementa: 14

Palavras chaves: 14

Vídeo da Semana

Relações estratégicas internacionais e a estruturação da ordem mundial

Um início de conversa

Nesta aula vamos discutir as origens da ordem mundial, tendo como referência um dos principais pensadores da Geografia Política do período entre guerras: o geógrafo britânico Halford John Mackinder (1861-1947). Veremos que, mesmo com mais de um século, muitas de suas ideias geopolíticas permanecem ainda válidas para a análise do contexto internacional contemporâneo.

Mackinder tinha formação em ciências naturais e pôde desenvolver uma visão geográfica ampla durante a sua carreira acadêmica e política, que ocorreu numa época de grandes transformações sociais. Ele viveu quatro fases importantes do Império Britânico, do final do século XIX até a metade do século XX: o apogeu; a crise, após a 1ª Grande Guerra; a decadência, durante a 2ª Guerra Mundial; e o seu fim, nas duas décadas seguintes.

Em 1889, Mackinder foi o primeiro homem a escalar o Monte Quênia, em uma de suas expedições pela África, demonstrando a importância do conhecimento geográfico e a necessidade de mapeamento do vasto continente africano como parte da estratégia política de consolidação dos domínios coloniais britânicos. E de fato foi o que aconteceu. A conquista do monte Quênia foi considerado um dos pontos de partida da expansão imperial britânica sobre o Quênia, a Uganda e outras terras do além-Nilo (BLOUET, 2004).

Em outra fase, já como diplomata, Mackinder aplicou esta visão de ciência ao trabalhar como analista das rotas comerciais para os empresários britânicos. O seu trabalho permitiu a ele não ter apenas acesso a documentos privilegiados, como também viajar para todas as nações que o Reino Unido tinha relações comerciais. Foi desse período a publicação de dois trabalhos seus que tratam da expansão do império: *Britain and the British Seas* (1902) e *On thinking imperially* (1907).

Na passagem dos séculos XIX para o XX, tendo acumulado grande experiência prática, Mackinder desenvolveu a sua teoria geopolítica, tanto na Royal Geographic Society[1] como na Universidade de Oxford. A Inglaterra estava passando por profundas transformações técnicas e científicas. O transporte de massa (motor a vapor) e as novas redes de comunicação colocavam uma nova ordem na maneira de se produzir e transportar. E isto chamou atenção de Mackinder.

1. A Sociedade Real de Geografia teve um papel relevante na discussão e difusão do conhecimento. Naquele momento histórico, a ciência contemplava o positivismo, que tinha como doutrina o evolucionismo. Não por acaso, Charles Darwin fazia parte desta sociedade.

Se a estratégia naval inglesa baseava-se no postulado de que a segurança das Ilhas Britânicas estava garantida por um poder marítimo que — controlando os oceanos com a esquadra de guerra, a marinha mercante e a rede de bases espalhadas pelo planeta, era necessário ficar atento às nações que se apropriavam das novas tecnologias e seus efeitos nas forças produtivas locais. Para Mackinder, a revolução industrial e o transporte de massa colocaria a supremacia britânica em segundo plano. Pensando no impacto dessas transformações, ele desenvolveu a *Teoria do Heartland*, o que veio a influenciar o pensamento geopolítico do mundo entre guerras.

2.1. A geopolítica no mundo entre guerras

Em sua conferência na Royal Geographic Society[2], Mackinder questionou a visão dominante de que a Europa era o centro gravitacional do mundo, situação estabelecida desde a época das grandes navegações e dos descobrimentos.

2. Mais tarde transformada em um artigo e publicada no *Geographical Journal* em 1904.

Segundo Mackinder, a Europa não devia ser vista como um continente à parte, mas apenas como uma pequena península de um continente maior denominado Eurásia, cujo eixo central estaria localizado no interior da grande massa continental. Partindo dessa noção de Eurásia, Mackinder desenvolveu o conceito estratégico de ***Heartland*** — coração continental/ terra central/ região-pivô — constituindo a pedra basilar da teoria do poder terrestre. Em termos descritivos o *Heartland* abarcava o centro e o norte da Eurásia, abrangendo em suas linhas gerais o território da Rússia czarista do início do século. No sentido norte-sul o *Heartland* estendia-se das costas geladas do oceano Ártico aos desertos da Ásia Central; na direção leste-oeste, dos confins da Sibéria às terras situadas entre os mares Branco e Negro. Veja o mapa elaborado por Mackinder.

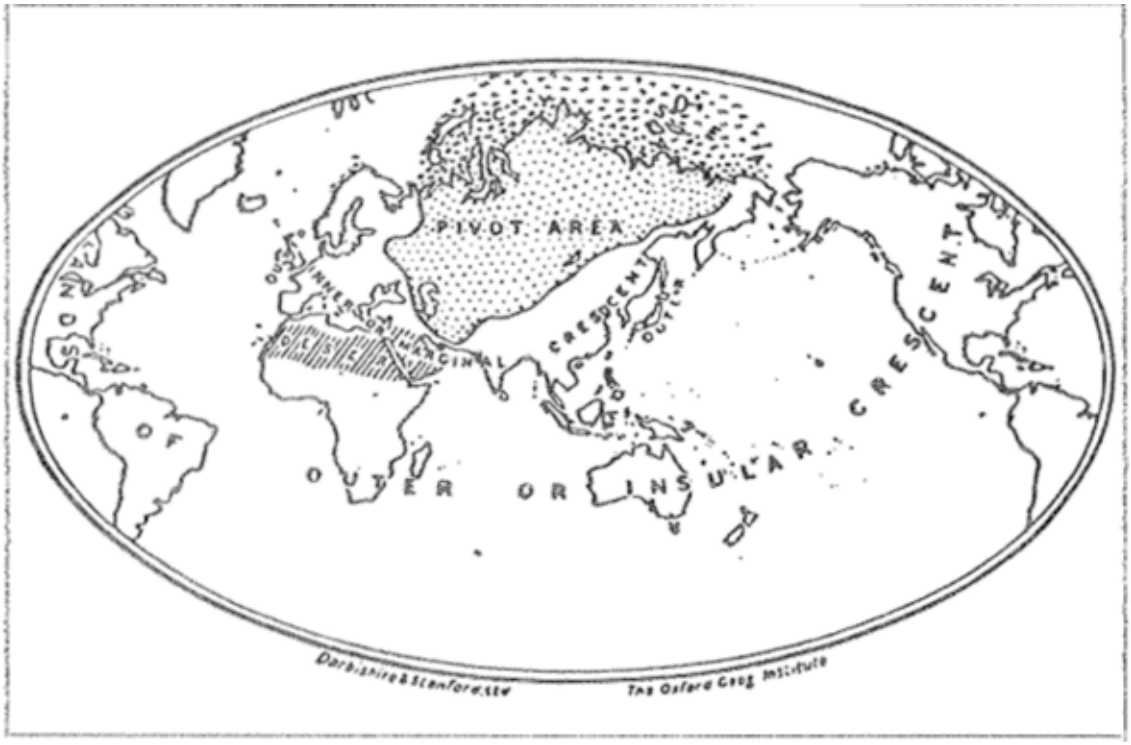

Figura 1 – O mundo do ponto de vista de Mackinder
Fonte: Mackinder, 1904

Segundo Mello (1994), a teoria proposta por Mackinder era sustentada por três aspectos fundamentais. Um primeiro aspecto estava relacionado ao fato de que a Europa não era fruto de sua própria história, mas subordinada à dinâmica mais ampla da história asiática e de vitórias contra as invasões que vinham do leste. Assim, Mackinder concebeu o desenvolvimento da civilização européia como produto da reação vitoriosa ao desafio imposto pelas seculares invasões asiáticas. Essas pressões externas eram promovidas por hordas de cavaleiros nômades que, deslocando-se desde o interior do grande continente, pressionavam as regiões marginais da Eurásia.

Além disto, Mackinder destacou dois aspectos geográficos essenciais do continente eurasiático. O primeiro deles era seu isolamento mediterrâneo, uma vez que seus rios navegáveis desembocavam nos lagos e mares do interior continental ou nas costas do oceano Ártico. Outro aspecto era sua topografia plana, principalmente na extensa faixa das estepes meridionais, que oferecia condições ideais à mobilidade dos povos nômades-pastoris da Ásia Central. Isto fazia do *Heartland* uma fortaleza natural inacessível ao assédio do poder marítimo das potências insulares e propiciava o desenvolvimento do poder terrestre da potência que dominasse o eixo central euroasiático.

Ainda segundo Mackinder, em torno do *Heartland* articulavam-se quatro regiões marginais, que formavam as linhas costeiras da Eurásia e estavam localizadas dentro do raio de ação do poder marítimo. Essas regiões formavam o "crescente interno ou marginal" *(Inner Crescent)* integrado pela Europa, Oriente Próximo, Índia e China.

Focos de irradiação de quatro grandes religiões — cristianismo, islamismo, hinduísmo e budismo — as quatro regiões marginais concentravam três quartos da população da Eurásia. Por sua vez, o "crescente interno" estava circundado pelo "crescente externo ou insular" *(Outer Crescent),* formado pelas duas Américas e a Austrália, que eram ilhas-continentes separadas da Eurásia pelos fossos do Atlântico e do Pacífico.

Em síntese, o eixo central do continente era dominado pela Rússia; o grande arco interior formado pela a Alemanha, Áustria, Turquia, Índia e China; e o grande arco exterior composto pela Inglaterra, Canadá, Estados Unidos, África do Sul, Austrália e Japão.

Uma vez caracterizada a ordem mundial a partir do eixo central euroasiático, Mackinder ressaltou a importância das inovações tecnológicas no acirramento da disputa pelo poder mundial entre duas forças principais: o oceanismo (forças navais) e o continentalismo (forças terrestres). Para ele, na virada do século, o advento de novas tecnologias nos meios de transporte ameaçavam desequilibrar o poder mundial com a interligação dos vastos espaços do interior da Eurásia. Essas novas técnicas poderiam representar a decadência do poder marítimo e o começo de uma nova era marcada pela preponderância do poder terrestre. Ou seja, a invenção da locomotiva e a construção das ferrovias transcontinentais poderiam vir a neutralizar a importância do barco a vapor, alterando a favor do poder terrestre a correlação de forças que, desde as grandes navegações, assegurou a supremacia do poder marítimo.

A partir dessa análise global, o geógrafo inglês alertou para o perigo que representava para o poder marítimo britânico uma eventual aliança entre duas grandes potências continentais, cuja mobilidade terrestre estava sendo incrementada pelas ferrovias e locomotivas: a Alemanha, situada no centro da Europa, e a Rússia, a grande soberana do *Heartland* eurasiático.

Efeitos posteriores de Heartland

No decorrer da sua vida acadêmica, Mackinder teve oportunidade de analisar a validade da sua teoria e fazer alguns ajustes de suas previsões.

De fato, nenhuma nação conseguiu controlar o *Heartland*, ainda que a ex-URSS tenha chegado muito próxima de sua previsão. Em vista do risco do "domínio vermelho", logo após a Primeira Guerra Mundial, Mackinder assessorou a diplomacia inglesa nas negociações de paz, propondo que as potências vitoriosas criassem no leste europeu uma sequência de Estados-tampão, desde o mar Báltico até os mares Negro e Adriático. Esta proposta está na origem da criação da Polônia, da Tchecoslováquia, da Hungria, da Iugoslávia, da Bulgária e da Romênia, dividindo parte dos territórios de três grandes impérios: o russo, o alemão e o austro-húngaro.

A função estratégica desse cordão sanitário contra o "perigo vermelho" era separar e impedir uma futura aliança entre as duas potências marginalizadas pelo sistema de Versalhes: a Alemanha vencida e a Rússia bolchevique. Do ponto de vista da ordem mundial, esta proposta de Mackinder influenciou profundamente o pensamento geopolítico da época, que considerava imprescindível o domínio da Europa Oriental para o controle do *Heartland*. Assim, quem

dominasse o *Heartland* controlaria a *World Island* - denominação dada por Mackinder ao duplo continente formado pela Eurásia-África, o que seria a condição para o controle da ordem mundial.

Contudo, o cordão sanitário mackinderiano demonstrou ser um arranjo geopolítico demasiado frágil para isolar as duas potências continentais. Com a ascensão do nazismo começou o desmantelamento da barreira de contenção européia oriental pela política de agressão hitlerista, auxiliada em parte pelo pacto de não-agressão germano-russo, de 1939. Essa situação perdurou até 1941, quando a máquina de guerra nazista invadiu a União Soviética, abrindo uma nova frente de batalha no leste da Europa contra o Estado-pivô eurasiático.

Em um segundo momento, devido ao curso da Segunda Guerra Mundial, Mackinder renovou sua teoria, introduzindo o conceito de *Midland Ocean*; baseado na premissa do continente americano conseguir rivalizar com o *Heartland*, o que gerou um novo equilíbrio de poderes. Era o início da emergência do poderio americano.

Finda a Segunda Grande Guerra, o pensamento de Mackinder influenciou a divisão da Alemanha em dois Estados distintos e a própria assinatura do Tratado de Washington, constitutivo da OTAN, em 1949. Neste contexto geopolítico, a Alemanha estava dividida por quatro potências (Estados Unidos da América, Reino Unido, França e União Soviética), e esta conjugação era vista por Mackinder como uma composição das forças terrestres a leste, no *Heartland*, e o marítimo a oeste, devido à capacidade anfíbia do *Midland Ocean*. Aqui, criava-se um triângulo de defesa atlântica com o topo nos EUA e a base no Reino Unido e França. A cooperação das potências ocidentais vencedoras da Segunda Guerra com a União Soviética não durou muito tempo, como havia previsto Mackinder, a partir da publicação de *The round world and the winning of the peace,* em 1943. A definição da ordem mundial passou cada vez mais a depender da expansão do poderio americano e dos rumos da Guerra Fria.

2.2. Hegemonia americana e repartição do poder mundial

Hegemonia é uma palavra de origem latina que significa "direção suprema". Era utilizada no Império Romano para designar os chefes dos exércitos (*egemónes*). Na escala das relações internacionais, o conceito de *hegemonia* está associado, principalmente, às relações de dominação entre os Estados Nacionais. Assim, na escala global, a hegemonia pode ser definida como uma

forma de poder de fato, estabelecida pela capacidade de liderança que um país exerce sobre os outros em termos culturais, políticos e econômicos (BOBBIO, 1998). Nenhum país exerce a hegemonia apenas pela coerção, mas também pela sua capacidade de convencimento (persuasão) a respeito dos seus objetivos e propósitos.

Atualmente, não há dúvidas do poder hegemônico dos Estados Unidos, tanto do ponto de vista militar, como econômico e cultural.

O poderio bélico dos Estados Unidos é indiscutível. Em 2008, os americanos gastaram 4% do PIB com as forças armadas (cerca de 600 bilhões de dólares), o que representa a metade do gasto militar mundial. Além do investimento em novas tecnologias, como o avião modelo B-2 (quase invisível para os radares), os Estados Unidos é o único país com bases militares e frota naval distribuídas em todas as regiões do mundo.

O domínio dos Estados Unidos também se manifesta no campo econômico e cultural. Dentre as 500 maiores empresas existentes em 2006, quase 200 foram formadas nos Estados Unidos. Esta hegemonia econômica facilitou a difusão da língua inglesa americana e dos hábitos e costumes (*American way of life*) pelo planeta. Os melhores exemplos desse domínio cultural podem ser observados na extensão do mercado cinematográfico produzido em Hollywood e na abertura de filiais das lojas americanas de *fast food* no exterior. Veja a sequência de mapas a seguir.

Mapa 1 - Despesas militares em milhões de dólares (2009)

http://cartographie.sciences-po.fr/cartotheque/D03c_Depenses_militaires_2009.jpg

Legenda - Em 2009, os Estados Unidos gastou 663,3 milhões dólares com as forças armadas, o dobro do segundo colocado no ranking mundial (União Européia).

Mapa 2 - A presença das forças armadas americanas no mundo (2007)

http://cartographie.sciences-po.fr/cartotheque/05_deploiement_ustroops_2006.jpg

Legenda - O Iraque é o país com o maior contingentes de soldados americanos, seguido da Alemanha e do Afeganistão.

Mapa 3 - Número de firmas por origem geográfica (2006)

http://cartographie.sciences-po.fr/cartotheque/usa_500firmes_nombre_2006.jpg

Legenda - Das 500 maiores empresas classificadas segundo o valor de mercado, 196 possuem a sede localizada nos Estados Unidos.

Mapa 4 - Distribuição mundial do McDonald, 2004

http://cartographie.sciences-po.fr/cartotheque/32C_macdo_2004.jpg

Legenda - Fora dos Estados Unidos, o Japão é o maior mercado do McDonads.

Mapa 5 - Importação de filmes dos Estados Unidos, França e Índia, 2006

http://cartographie.sciences-po.fr/cartotheque/06_Importations_films_E-lU_France_Inde_2006.jpg

Legenda - Dentre os principais produtores de filmes comercializados no mercado mundial, os Estados Unidos é o único com penetração em todos os continentes.

Por que os Estados Unidos é uma nação tão poderosa? Segundo Bobbio (1998), são quatro os recursos do poder, além da força: a riqueza, a informação, o prestígio e a amizade. Vejamos como os Estados Unidos reuniram esses recursos e se transformaram na nação mais poderosa do mundo.

Os Estados Unidos têm a sua origem histórica nas 13 colônias inglesas na América do Norte: Massachusetts, Rhode Island, New Hampshire, Nova York, Connecticut, Pensilvânia, Nova Jersey, Delaware, Virgínia, Maryland, Carolina do Norte, Carolina do Sul e Geórgia.

A expansão territorial do país representou a formação de novos capitais, envolvendo a compra de territórios (Flórida, Alasca e Lousiana), assim como guerras e tratados com o México, quando o país anexou grande parte do Texas e da Califórnia. Ao término desse processo de expansão territorial, os Estados Unidos transformou-se numa nação mais rica, principalmente com a descoberta de reservas de ouro no oeste e o início da exploração petrolífera na região do Texas.

Não foi por acaso que os Estados Unidos tornou-se o principal destino dos imigrantes, provenientes da Irlanda, da Alemanha, da Inglaterra, da Itália. Foram mais de 40 milhões de pessoas em busca de trabalho e novas oportunidades, o que garantiu ao país uma enorme reserva de força de trabalho, jovem e barata.

Desta forma, quando o mundo ainda vivia sob a hegemonia do Império Britânico, os Estados Unidos se firmava como uma grande potência econômica, o que se consolidou com o desenvolvimento industrial das regiões nordeste e dos Grandes Lagos. A fonte da riqueza industrial americana não se estabeleceu apenas na exploração da mão-de-obra barata e do consumo da matéria prima abundante (reservas de carvão mineral dos Montes Apalaches e de ferro, próximas ao Grande Lago), mas também pela capacidade de inovação tecnológica. Foram nas fábricas de Nova York, Filadélfia, Detroit e Chicago que se aplicaram novos processos de produção industrial e de gestão, que ficaram conhecidas como *fordismo* e *taylorismo*. Com base neste novo capitalismo e com uma posição estratégica invejável (acesso ao oceano Atlântico e Pacífico, sem inimigos próximos às suas fronteiras), foi possível lançar-se ao mar. Primeiro, dominando o comércio marítimo no Caribe e, no decorrer da primeira metade do século XX, estabelecendo sua supremacia nos principais trajetos oceânicos.

O ***Corolário Roosevelt***, anunciado em 1904, foi um marco desta mudança de *status* político dos Estados Unidos, que se colocava como a liderança dos países do continente e o árbitro das relações diplomáticas entre os países vizinhos latino-americanos em busca de maior integração e desenvolvimento comum. A política do ***Big Stick*** (Grande Porrete) foi o braço armado do Corolário Roosevelt. Aqueles países que apresentassem instabilidade política ou violação do direito internacional poderia sofrer a intervenção militar dos Estados Unidos, o que lhes conferiram respeito pelas nações vizinhas e prestígio entre as nações consideradas amigas.

Apesar da imposição de protetorados em Cuba e São Domingos, além de inúmeras ocupações militares, os Estados Unidos nunca procuraram incorporar as regiões do seu domínio para formar um sistema colonial, nos moldes do Império Britânico. A ascensão da hegemonia americana representou uma nova forma de repartição do poder mundial. Leia mais sobre o assunto no link http://diplo.org.br/2008-11,a2668.

Referências

- BLOUET, B. W. The imperial vision of Halford Mackinder. In: **The Geographical Journal**, Vol. 170, No. 4, December 2004.
- BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. Brasília: Editora da UnB, 1998.
- MELLO, L. I. A. A geopolítica do poder terrestre revisitada**. Lua Nova**, São Paulo, n. 34, Dec. 1994.

Bibliografia

- ANDRADE, M. C. de**. Geografia, ciência da sociedade:** Uma Introdução à Análise do Pensamento Geográfico. São Paulo, 1987.
- FONSECA, S. R. B. M. Uma introdução à geopolítica clássica: de Ratzel a Haushofer. In: **II Simpósio Regional de Geografia**, 2003. Anais..., Uberlândia/MG, 2003.
- MACKINDER, H. J. **Britain and the British Seas**. London: Heinemann, 1902.
- MACKJNDER, H. J. The geographical pivot of history. **Geographical Journal, n.** 23, p. 421-437, 1904.
- MACKINDER, H. J. On thinking imperially. In: **LECTURES on Empire**. London: 1907.
- MACKINDER, H. J. The round world and the winning of the peace. In: **Foreign Affairs,** n. 21, p. 595-605, 1943.

Ficha da Disciplina

Ordem geopolítica mundial - atores e escalas de ação

Eduardo Augusto Werneck Ribeiro

Regina Celia Correa de Araujo

Raul Borges Guimarães

unesp

REDEFOR
Rede São Paulo de Formação Docente

Ementa:

A preocupação central desta disciplina é de analisar o contexto histórico-geográfico que originou e estruturou a hegemonia americana, considerando a relação econômico-financeira e político-militar dos Estados Unidos com os países latino-americanos, europeus, asiáticos e africanos. Em vista dos conflitos regionais, movimentos migratórios internacionais e o aumento da desigualdade regional, os alunos serão desafiados a avaliar diferentes processos que impactam o sistema político internacional.

Palavras chaves:

Ordem Mundial, Hegemonia, Estado, Nação e Poder.

Estrutura da Disciplina

Ordem geopolítica mundial - atores e escalas de ação	1. Estado, Estado-territorial e Estado Nacional	1.1 – Poder, território e Estado
		1.2 – A geografia política clássica alemã
	2. Relações estratégicas internacionais e a estruturação da ordem mundial	2.1 – A geopolítica no mundo entre guerras
		2.2 – Hegemonia americana e repartição do poder mundial
	3. A (des)ordem mundial	3.1 – Guerra Fria e bipolaridade
		3.2 – A crise da ordem mundial
	4. Novos atores e escalas de ação	4.1– A agenda ambiental
		4.2 – A força dos jovens
	5. A crise do mundo árabe	5.1 – A formação do mundo árabe
		5.2 – Tabuleiro político atual

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Pró-Reitora de Pós-graduação
Marilza Vieira Cunha Rudge

Equipe Coordenadora
Ana Maria Martins da Costa Santos
Coordenadora Pedagógica

Cláudio José de França e Silva
Rogério Luiz Buccelli

Coordenadores dos Cursos
Arte: Rejane Galvão Coutinho (IA/Unesp)
Filosofia: Lúcio Lourenço Prado (FFC/Marília)
Geografia: Raul Borges Guimarães (FCT/Presidente Prudente)
Antônio Cezar Leal (FCT/Presidente Prudente) - *sub-coordenador*
Inglês: Mariangela Braga Norte (FFC/Marília)
Química: Olga Maria Mascarenhas de Faria Oliveira (IQ Araraquara)

Equipe Técnica - Sistema de Controle Acadêmico
Ari Araldo Xavier de Camargo
Valentim Aparecido Paris
Rosemar Rosa de Carvalho Brena

Secretaria/Administração
Márcio Antônio Teixeira de Carvalho

NEaD – Núcleo de Educação a Distância
(equipe Redefor)

Klaus Schlünzen Junior
Coordenador Geral

Tecnologia e Infraestrutura
Pierre Archag Iskenderian
Coordenador de Grupo

André Luís Rodrigues Ferreira
Guilherme de Andrade Lemeszenski
Marcos Roberto Greiner
Pedro Cássio Bissetti
Rodolfo Mac Kay Martinez Parente

Produção, veiculação e Gestão de material
Elisandra André Maranhe
João Castro Barbosa de Souza
Lia Tiemi Hiratomi
Liliam Lungarezi de Oliveira
Marcos Leonel de Souza
Pamela Gouveia
Rafael Canoletti
Valter Rodrigues da Silva